



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**CORPOS QUE FALAM: A DESMITIFICAÇÃO DO TIPO BANHISTA IDEAL E A
NECESSIDADE DE EXPRESSÃO DO SUJEITO NO RETRATO**

DEREK VASCONCELOS MANGABEIRA

Rio de Janeiro/RJ
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**CORPOS QUE FALAM: A DESMITIFICAÇÃO DO TIPO BANHISTA IDEAL E A
NECESSIDADE DE EXPRESSÃO DO SUJEITO NO RETRATO**

Derek Vasconcelos Mangabeira

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientadora: Prof. Dr^a Maria Teresa Ferreira Bastos

Rio de Janeiro/RJ
2016

CORPOS QUE FALAM: A DESMITIFICAÇÃO DO TIPO BANHISTA IDEAL E A NECESSIDADE DE EXPRESSÃO DO SUJEITO NO RETRATO

Derek Vasconcelos Mangabeira

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Aprovado por

Prof. Dr^a Maria Teresa Ferreira Bastos

Prof. Dr^a Antonio Fatorelli

Prof. Dr. Maurício Lissovsky

Aprovado em:

Grau:

Rio de Janeiro/RJ
2016

MANGABEIRA, Derek Vasconcelos.

Corpos que falam: a desmitificação do tipo banhista ideal e a necessidade de expressão da subjetividade no retrato, Derek Vasconcelos Managbeira – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.

60 f.

Monografia (graduação em Comunicação Social/Radialismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2016.

Orientação: Maria Teresa Ferreira Bastos

1. Fotografia. 2. Arte. 3. Rio de Janeiro. 4. Retrato. BASTOS, Maria Teresa II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Corpos que falam: a desmitificação do tipo banhista ideal e a necessidade de expressão da subjetividade no retrato

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Clark, que sempre me incentivou a
ver o mundo segundo os meus olhos

AGRADECIMENTO

À professora Maria Teresa Santos por ter me apoiado, guiado e incentivado neste logo e tortuoso processo. Me faltam palavras para dizer o quão grato eu sou por tudo.

Ao meu melhor amigo Victor Curi, sem o qual eu não teria concebido este trabalho.

Ao meu namorado, Rodrigo Beser, pelas noites de insônia ao meu lado, pela paciência, pelo suporte, pelo carinho.

Aos professores Antonio Fatorelli e Maurício Lissofsky, por aceitarem o convite de compor a minha banca.

Aos meus pais e meus irmãos, por sempre terem me dado todo o amor e todo o suporte para que eu fosse tudo aquilo que eu quis ser.

À minha avó, à minha tia e aos meus primos, por sempre estarem do meu lado.

“Onde há poder, há resistência.”

Michel Foucault

MANGABEIRA, Derek Vasconcelos. **Corpos que Falam: A Desmitificação do Tipo Banhista Ideal e a Necessidade de Expressão do Sujeito no Retrato.** Orientador: Maria Teresa Ferreira Bastos. Rio de Janeiro, 2016. Monografia em Radialismo – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ.

RESUMO

Projeto prático de fotografia que, por meio de fotos de banhistas nas principais praias do Rio – Copacabana, Ipanema e Leblon –, busca desconstruir o ideal do banhista carioca, caracterizado por corpos escultóricos e por uma sensualidade exacerbada, além de pluralizar as possibilidades de representação de corpos nas praias do Rio. Simultaneamente, procura levantar questionamentos acerca do fazer fotográfico, especialmente no que diz respeito ao retrato.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. O Projeto.....	4
2.1. Motivação.....	4
2.2. Objetivo.....	5
2.3. Relevância.....	7
2.4. Recorte.....	8
2.5. Processo de Captura de Imagens.....	8
2.5.1. Seleção dos Personagens.....	8
2.5.2. Abordagem.....	9
3. Opções Estéticas.....	11
3.1. Aparato Técnico.....	11
3.2. Repetição das Poses.....	12
3.3. Repetição do Fundo.....	12
3.4. Preto e Branco.....	13
3.5. Contraste.....	13
4. Seleção e Tratamento de Imagem.....	14
Apêndice.....	15

1. Introdução

O presente trabalho trata-se menos de uma pesquisa monográfica e mais de um projeto prático, nascido de uma urgência pessoal de dar voz, rosto e corpo àqueles que se mantêm obscurecidos pelas sombras de gigantes dourados. Ele nasceu do aparente vácuo existente entre a representação dos banhistas das praias cariocas e a experiência prática de estar entre a areia e a água. Embora exista certa pressão homogeneizante por parte de um discurso hegemônico que atua de cima para baixo no sentido de construir um tipo banhista ideal para o carioca – como se pode notar tanto em peças publicitárias da própria prefeitura do Rio de Janeiro e de empresas privadas, quanto em músicas sobre a cidade e telenovelas que se centram exclusivamente na Zona Sul – a vivência nas praias se mostra bastante aquém dessas representações.

Trabalhando como fotógrafo *coolhunter* para o site de *streetstyle* RIOetc durante cerca de dois anos e meio, tive a oportunidade de experimentar de perto a defasagem entre aquilo que é mostrado da orla do Rio de Janeiro e aquilo que de fato se passa diante de nós uma vez nela. Pelo menos duas vezes por semana, eu e mais uma jornalista vagávamos pelo Centro e, especialmente, Zona Sul da cidade com o objetivo de encontrar “a alma encantadora das ruas”: meninas e rapazes descolados, com um estilo único e personalidade. O resultado das buscas era sempre um desfile de meninas magras, na esmagadora maioria brancas, e com alto poder aquisitivo, mesmo que esse tipo não sintetizasse em si nenhum encanto.

Mais tarde, como parte do coletivo de fotógrafos *I Hate Flash* e com meu trabalho fotográfico mais voltado para moda, publicidade e *youth culture*, pude visualizar com precisão ainda maior as engrenagens que movimentam esse sistema excludente. A violência praticada tanto pela moda, quanto pela publicidade, parece se intensificar nas areias das praias. O distanciamento simbólico entre a imagem dos corpos que frequentam a orla e a materialidade das pessoas ficou ainda maior uma vez que eu mesmo fazia parte da construção dessas representações míopes.

Foi exatamente esse desconforto que serviu de motivação para que começasse este trabalho. Assim, com olhos voltados para fotógrafos como August Sander, Bernd e Hilla Becher, Diane Arbus e outros menos conhecidos como Wayne Lawrence e Katy Grannan, o projeto nasceu com o intuito de catalogar os tipos banhistas do Rio de Janeiro. A ideia inicial

era dar visibilidade a corpos dissonantes; corpos que não se doavam a um padrão estético irreal – alto, magro, de pele morena do sol, corpo naturalmente torneado e sorriso perfeito – imposto por forças que parecem desconhecer qualquer vivência da praia. Porém, após algumas visitas a orla com o intuito de observar os banhistas, entendi que seria mais proveitoso se eu não restringe as fotos exclusivamente àqueles que não se punham dentro da norma. Isso por que, caso excluísse os corpos-padrão, novamente não estaria dando conta de todos os tipos presentes na areia.

Durante cerca de dois meses, fazendo uso de um processo semelhante àquele por mim utilizado no meu trabalho no RIOetc, fui diariamente às principais praias cariocas – Copacabana, Ipanema e Leblon – em diferentes horários com o objetivo de fotografar frequentadores que, de alguma forma, me chamavam a atenção, fosse por não se enquadrarem dentro do estereótipo tradicional de banhista, fosse por serem uma representação fidedigna de uma das fotos de Alair Gomes ou, fosse por não estarem em nenhum dos dois extremos.

Essa opção por não ter uma definição metodológica precisa para a seleção dos personagens das fotos passa pela certeza de que seria impossível a dissolução da minha subjetividade durante o processo. E ainda, mesmo que estabelecesse os tipos a serem fotografados – a senhora, o ambulante, o pescador, etc –, entendi que tal procedimento de pré-enquadramento poderia deixar de fora uma série de banhistas que contribuiriam para a pluralidade do projeto. Assim, adotei uma perspectiva bastante subjetiva no que diz respeito a seleção desses personagens, fotografando aqueles cujo visual me atravessava, como irei elucidar mais adiante no relatório.

O processo de fotografar os indivíduos na praia também se desenvolveu de forma orgânica. Em primeiro momento, quando comecei a tirar as fotos, o objetivo era fazer uma compilação dos tipos banhistas, seguindo os exemplos de Sander e do casal Becher. Aos poucos, porém, essa ideia foi dando espaço a certa poética dos retratos, a qual a princípio não cabe dentro dessa proposta enciclopédica.

Ainda que eu desse diferentes direcionamentos aos fotografados na tentativa de diminuir a presença de suas subjetividades o máximo possível – mesmo sabendo da impossibilidade de eliminação completa da mesma – e os transformar em apenas objetos de uma coleção, era notória a necessidade de expressão, ainda que involuntária, de personalidade por meio de pequenos gestos, meio sorrisos, olhos caídos.

A partir de determinado momento, então, o projeto deixou de ser apenas sobre a desmitificação do tipo banhista ideal carioca, e se tornou também uma pesquisa sobre o próprio fazer fotográfico, sobre as fronteiras entre o direcionamentos do fotógrafo e a vontade do fotografado.

Essa tensão metodológica se manteve ao longo de todo o trabalho. Ora tentando dissolver a subjetividade, ora tentando enaltecer a vontade do sujeito em frente à câmera, o projeto se tornou um jogo, no qual escolhas estéticas foram feitas tentando conciliar esses dois lados. O resultado é um inventário dos tipos banhistas e das narrativas que eles contam.

Este relatório pretende, de forma bastante subjetiva, descrever todo o processo de desenvolvimento do ensaio fotográfico, desde de sua concepção até a sua execução e edição. Entendendo que o enfoque deste tipo de projeto de conclusão é a sua prática, dediquei-me à reflexão tendo como base e ponto central a experiência do meu processo de trabalho. Por conta disso, senti a necessidade do uso da primeira pessoa para escrever este texto. Além disso, embora tenho pensado este projeto a luz de estudiosos como Michel Foucault, Susan Sontag, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e outros, me focando em sua natureza prática, depus minhas energias em cima das minhas próprias vivências experimentadas ao longo do desenvolvimento do trabalho para a elaboração deste relatório, em detrimento de uma pesquisa teórica mais elaborada.

2. O Projeto

Neste capítulo, dedico-me a descrição do processo de construção e execução deste trabalho, concebido tendo com o intuito de que fosse projeto circular; de que cada aspecto estético dele servisse a ao propósito conceitual do mesmo.

2.1. Motivação

Todo trabalho artístico deveria partir de um incômodo. Este partiu de uma revolta. De forma intransigente, o Rio de Janeiro permanece, com sorriso de vitória no rosto, congelado dentro de um *frame* de um filme publicitário barato de uma marca estrangeira que chega ao Brasil. É como se, para o Rio, essa imagem representasse sua verdade. Tal qual algumas tribos indígenas, a cidade acredita com fervor que a imagem fotográfica é capaz de arrancar sua essência. E se regozijam disso.

A violência simbólica a qual os cariocas são expostos todos os dias ataca dolorosamente aqueles que não se colocam dentro de um padrão de beleza dourada que permeia o imaginário da orla da Zona Sul. E, de forma cínica, a cidade se protege dessas críticas com o mito da praia democrática (para o Rio, tão real quanto a representação fidedigna da alma carioca que é Helô Pinheiro, a Garota de Ipanema). Sem nem entrar no mérito do acesso – disso, talvez nem mesmo uma tese de dourado pudesse dar conta –, a maior parte dos cariocas é excluída da praia antes mesmo de se propor a colocar o pé na areia. A expulsão acontece muito antes, em um registro muito mais efêmero, quase imperceptível, e, por isso, tão difícil de ser combatido. Trata-se de uma exclusão simbólica. Não existe nenhuma representação midiática, a não ser uma caricata que goza dessas pessoas, daqueles que não estão dentro do estereótipo do carioca-surfista-mate-natural-suco-verde. Ainda que, na verdade, essa seja a excessão!

A dura realidade, aquela a qual todos vêm na experiência de se estar na areia, mas sobre a qual ninguém quer falar – ou mostrar, ou lembrar –, é a de que a praia é povoada não por corpos esbeltos e bem torneados, mas, sim, por corpos plurais: não-conformados. Gordos, esqueléticos, pálidos, negro-azulados, míopes, carecas, fortes demais, fracos demais; existe toda

uma gama de tipos possíveis dentro da areia da praia que não aparece representada em nenhum lugar.

E essa exclusão ocorre não somente dentro da grande mídia, da publicidade ou da moda. Mesmo em trabalhos artísticos sobre o Rio de Janeiro, o corpo do surfista-zona-sul e da garota de Ipanema é tomado como metonímia para o corpo da própria cidade. É o caso, por exemplo, do livro “Rio”, do fotógrafo de moda peruano Mario Testino. Aquele que folheia suas páginas, sem antes ter a vivência de estar em uma das praias cariocas, tem a impressão de que estas são povoadas exclusivamente por modelos hiperssexualizados, com “corpos malhados e sorrisos talhados”, tal qual a música de Toni Garrido.

Em meio a imagens tão opressoras, é necessária a consciência de que o corpo não-normativo é muito mais do que um mero pária. Ele é, na verdade, um campo de batalha, onde se trava constantemente uma luta por independência – não só individual, mas também coletiva. Trata-se de um corpo político, ou de política de corpos. É um convite a não-conformidade, a um pensamento não-enquadrado, não-modulado. Sua própria presença é uma afronta a um sistema normatizado, que funciona com o propósito de criar imagens irreais de si mesmo, e sustenta sua mecânica em cima delas.

O presente projeto nasce do desconforto com a falta de representatividade da qual sofre a maior parte dos corpos que frequentam as praias do Rio. É o incômodo que motiva a confecção daquilo que, em primeiro momento, seria uma ode aos corpos não conformados. Após algum tempo, essa perspectiva sofreu algumas alterações, mas aquilo que serviu como força motriz para a criação deste projeto não foi nada além da revolta.

2.2. Objetivo

Embora este projeto tenha nascido com o intuito de promover maior viabilidade para aqueles que não desfrutam de representatividade no imaginário simbólico das praias do rio, seu propósito mudou ao longo de sua própria confecção. Mesmo tendo organizado algumas diretrizes metodologias que deveriam servir de guias para orientar o processo de fotografar os personagens na areia, sempre mantive em mente que deveria estar aberto às exigências que este mesmo processo poderia vir a fazer.

Uma das primeiras demandas que observei dizia respeito ao objeto da minha pesquisa. Ainda que tivesse chegado à orla com a cabeça voltada para a "caça" a corpos não-padrão, senti que a mera compilação de pessoas que não se conformavam a um determinado estereótipo de carioca não seria suficiente para dar conta de toda a pluralidade de corpos presentes na areia. Afinal, mesmo não sendo o único tipo presente e nem mesmo a maioria, os modelos de Mário Testino ainda podem ser encontrados nas praias da zona sul. Assim, mesmo sendo assombrado pela dúvida de que eu pudesse estar caindo em uma falsa simetria – dando atenção a também a um corpo que já desfrutava de todos os privilégios e representatividade –, optei por, no lugar de me restringir a dar visibilidade aos corpos não conformados, fazer uma compilação dos corpos possíveis da orla carioca.

A decisão acerca dos tipos a serem fotografados passou também noção de que, caso eu me restringisse a fotografar somente aqueles que não se enquadravam dentro do modelo tradicional de beleza, poderia acabar os jogando em uma região do estranho, do outro. Mesmo tendo Diane Arbus como referência para este projeto, o intuito não era tratar os sujeitos fotografados como *freaks*; não era colocá-los em uma posição de aberração, de estranhamento. Tratava-se muito menos de fazer uma enciclopédia do esquisito, que dar visibilidade a outras possibilidades de corpos além do corpo normatizado, e, assim, auxiliar no empoderamento dessas pessoas. Por conta disso, entendi que seria mais interessante me focar no registro dos banhistas da praia como um todo.

O processo de direção dos sujeitos fotografados, porém, me chamou a atenção para um outro ponto. Passei a me intrigar pela vontade das pessoas de se colocarem na foto. Ainda que desse direcionamento para dissolução da subjetividade nas fotos, como, por exemplo, por-se sério, deixar os braços pra baixo, manter o corpo ereto; ao longo dos cliques esses sujeitos iam “desmontando”, iam sucumbindo a maneirismos já internalizados para se portar diante da câmera. Era uma cintura que quebrava, um olhar que se perdia, um meio sorriso que se abria, uma mão que se levantava; praticamente nenhum deles conseguiu obedecer à risca as direções que eu dava.

A partir desse momento, passei a praticar um exercício de seleção das fotos tiradas no qual eu procurava as imagens em que os personagens deixam passar por algum gesto essa pequena centelha de subjetividade, a qual dava toda uma nova dimensão narrativa para aquele retrato.

Com objetivos diferentes daqueles com os quais nasceu, o projeto hoje dedica-se à criação de um inventário dos tipos banhistas cariocas e das narrativas que estes suscitam.

2.3. Relevância

Como alguém que não se sente propriamente dentro de nenhum estereótipo de beleza – além de negro, estou acima do peso ideal para o imaginário estético que permeia as praias –, sinto falta de me reconhecer dentro das representações visuais que constroem a areia e o mar. E essa falta de reconhecimento faz com que eu mesmo veja meu corpo de maneira desconfortável e estranha, como se não fosse “normal” ter o corpo que tenho. Embora conscientemente saiba da naturalidade das formas não tão retilíneas que assumo, me sinto absolutamente incomodado ao mostrar mais que meus braços ou minhas pernas. E como eu existem muitos. Mais, inclusive, que aqueles que podem se dar ao luxo de se reconhecer dentro do imaginário das praias.

Acredito que, ao trazer a representatividade desses corpos, capturando uma realidade diferente daquela apresentada pelas imagens correntes do Rio de Janeiro, este trabalho pode não só auxiliar na naturalização das curvas, imperfeições, marcas de idade; mas também pode, simultaneamente, ajudar no empoderamento de pessoas que, como eu, se sentem privadas de poder se orgulhar do próprio corpo.

Além disso, o ineditismo de um projeto que se proponha a compilar imagens de banhistas cariocas com o objetivo de construir um inventário desses tipos parece ser relevante não só para academia, mas também como um registro de um momento histórico. As fotos presentes neste trabalho poderão servir como fonte futura para diferentes pesquisas acerca do período em que foram tiradas. Seja com relação ao corpo em si, à moda, à beleza; essa perspectiva antropológica de pesquisa nas areias das praias é dotada de uma riqueza sem fim. São registros históricos datados que podem falar muito sobre o nosso tempo.

Por fim, vendo por uma perspectiva um pouco mais sensível, entendo que um dos maiores triunfos dessas fotografias é a possibilidade de dar voz a corpos que querem falar. Ao não se deixarem ser guiados pelos meus direcionamentos – a maior parte deles sucumbia a maneirismos já adquiridos de como se portar diante da câmera –, esses corpos sussurram e nos contam histórias. Histórias que talvez não fossem jamais ouvidas, caso essas fotos não

tivessem sido tiradas, como a da senhora, que, com seu maiô irreverente, nos conta sobre seus tempos de juventude; ou do homem repleto de tatuagens, que traz no seu corpo as marcas da rebeldia. Para mim, sem dúvida, foi essa a maior vitória deste projeto. E é este o meu maior orgulho.

2.4. Recorte

Para garantir a realização do projeto, delimitei geograficamente a pesquisa às praias de Copacabana, Ipanema e Leblon. Por ser morador da Zona Sul, a proximidade dessa região foi um fator decisivo na confecção do recorte, mesmo porque, não contando com nenhuma ajuda financeira ou de pessoal no projeto, o deslocamento para lugares mais distantes com equipamento valioso inviabilizava a visita a lugares mais distantes.

Tal decisão foi tomada também não só por uma questão logística, mas por serem essas praias os principais cartões postais da cidade e objeto sobre qual existe a maior fabricação de discursos imagéticos que constroem o imaginário simbólico da orla carioca.

2.5. Processo de Captura das Imagens

O projeto como um todo foi concebido e executado de forma muito fluida, deixando que a própria experiência de fazê-lo afetasse o seu conceito. Um das partes fundamentais para isso foi exatamente o processo de fotografar as pessoas na praia, onde me punha *in loco* e me abria para essa vivência.

2.5.1. Seleção dos Personagens

O processo de seleção dos personagens se deu maneira muito orgânica. Desde o início do projeto, não cheguei à praia com nenhuma ideia pré-concebida sobre tipos específicos de personagens a serem fotografados. Em algum momento, soube que estava procurando por pessoas que não se enquadravam num estereótipo vigente de beleza, mas nunca busquei por personagens específicos, como o ambulante, o corredor, ou o senhor. Nunca foi o objetivo fazer um álbum de figurinhas.

Sem que eu percebesse, inclusive, essa abertura foi o que me possibilitou a expansão da primeira proposta do trabalho para uma maior. Caso tivesse mantido a mente fechada e focada em encontrar determinados tipos recorrentes na areia, jamais teria conseguido perceber que a perspectiva sob a qual estava observando não daria conta de cobrir todas as possibilidades de corpos na praia, além de jogar para um zona de estranhamento os sujeitos fotografados.

Uma vez na areia, eu fotografava aqueles por que me interessava. E me interessava por aqueles que queria fotografar. A seleção era feita de forma subjetiva, tentando encontrar pessoas que parecessem, de alguma forma, ter histórias para contar com seus corpos. Eu buscava por pessoas únicas, que suscitavam uma vontade de conhecer pelo simples olhar, assim como por pessoas tão ordinárias, que o quase esvaecimento em meio a areia da praia me dava vontade de entendê-las.

2.4.2. Abordagem

Após mais de dois anos trabalhando como fotógrafo *coolhunter*, acabei me tornando imune ao medo e a vergonha de falar com estranhos. Aprendi com a experiência uma série de técnicas de abordagem que me foram de grande utilidade ao logo deste projeto. Uma delas diz respeito especificamente a minha raça. Infelizmente, a realidade é que a minha cor negra é a primeira barreira que tenho que suplantar para conseguir conversar com um estranho. E isso é ainda mais sensível na praia, especialmente em horário de pouco movimento, quando o fantasma do assalto parece permear todas as barracas. Por isso, ainda que as fotos fossem feitas na areia, eu tinha a necessidade de usar algumas das minhas melhores roupas, fazendo uso delas para comunicar que, embora preto, não era um assaltante.

Uma vez superado esse primeiro obstáculo visual, com toda a paciência e educação do mundo, eu explicava a natureza do trabalho que estava realizando, fazendo uso do nome da UFRJ para ratificar a seriedade pra proposta. Em seguida, pedia que o personagem assinasse, por favor, o documento como o ao lado que autorizava o uso de imagem, no qual se lia:

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, eu, abaixo assinado (a) e identificado (a), autorizo Derek Vasconcelos Mangabeira, CPF 101.371.197-12, sito à Rua das Laranjeiras, número 223, apartamento 602, Laranjeiras, Rio de Janeiro, a utilizar sem qualquer ônus minha imagem para os seguintes fins: trabalhos acadêmicos sujeitos a publicação e distribuição e edição pelo mesmo ou por terceiros, apresentação em palestras, em sites na internet, vídeos e outras mídias existentes ou ainda por criar, material de divulgação, banners, cartazes, além de outros materiais impressos produzidos.

Ass: _____

Nome: _____

ID: _____ CPF: _____

Email: _____

A maior parte das pessoas assinava a autorização sem medo muitos problemas, embora tivesse que explicar a necessidade da assinatura para que pudesse utilizar as imagens.

Infelizmente, é necessário informar, porém, que durante o traslado de caixas ao longo de uma mudança, a pasta que continha a autorização de todos os fotografados foi perdida. O uso das imagens é, então, extremamente restrito, impedindo que possa dar prosseguimento a futuras publicações, como era o plano inicial.

3. Opções Estéticas

Com propósito da criação de um inventário coeso, todas as opções estéticas foram tomadas pensando na promoção da homogeneização das imagens. A ideia era que com a manutenção de certa unidade estética, pudesse-se notar a unidade do conjunto dos tipos fotografados. O interessante é que, observando as fotografias posteriormente, é possível notar que essa mesma repetição das escolhas visais cujo propósito a princípio era ressaltar o conjunto dos tipos, acabou servindo, inesperadamente, como forma de realce para individualidade de cada um deles. A impressão que se tem é a de que, quando se observa a constância das posições, do fundo e do preto e branco, o que se faz notar não é a unidade, mas, sim as pequenas sutilezas em cada uma das imagens. Aquilo que, em primeiro momento, foi escolhido para garantir a serialização, terminou servindo como forma de individualização para os personagens apresentados.

Porém, embora exista uma proposta guarda-chuva por trás de todas as escolhas estéticas, houve algumas particularidades que precisam ser avaliadas independentemente. Dedico-me agora a descrição e análise de cada uma delas.

3.1. Aparato Técnico

Desde o início do projeto, entendi que seria necessário para a criação de um inventário coeso a utilização de um mesmo equipamento em todas as fotos. Além disso, devido ao fato de que seriam percorridas longas distâncias – muitas vezes, me deslocava do posto 12 até o Leme –, tinha de ter a bolsa leve. Levando em conta essas necessidades, o equipamento escolhido foi uma câmera digital profissional Nikon D600, por ser uma câmera particularmente pesada e ter uma qualidade de imagem que atenderia a demanda para a impressão sem nenhuma perda; e uma lente Nikon 50mm F 1.8, também selecionada por conta do pouco peso, e, além disso, por não causar nenhum tipo de distorção nas bordas ou achatamento dos planos.

Como todas as fotos foram feitas durante o dia utilizando luz natural, não houve necessidade da seleção de um flash.

3.2. Repetição das Poses

Após o personagem ter concordado com a fotografia, eu pedia que ele se posicionasse de costas pro mar, com o corpo ereto, rosto sério e braços para baixo. Embora meu intuito com isso fosse promover a homogeneidade entre as imagens do projeto, essa foi a opção que mudou o rumo da enfoque dado ao trabalho. Isso porque, foi com o desrespeito a esses direcionamentos tão simples por parte do fotografado que pude notar a necessidade de fala dos corpos das pessoas que estava fotografando.

Em um primeiro momento, todos se punham conforme o ordenado: corpo ereto, rosto sério, braços pra baixo. Conforme se seguiam os cliques – tirava algo em torno de 20 fotos ao longo de 1 a 2 minutos –, essas pessoas inconscientemente iam relaxando, assumindo uma posição mecânica com a qual costumavam se portar diante de uma câmera. E eram nesses pequenos gestos, nesses mínimos trejeitos, que havia certa entrega, um relaxamento, e era possível se ver mais que um mero tipo: brilhava ali um indivíduo, dotado de particularidade e unicidade, as quais não partilhava com mais ninguém.

Nessas brechas de individualidade, apareciam sugeridas histórias; narrativas, a maior parte das vezes incompletas – e, por isso, tão interessantes – de experiências, de vidas, que me deixam atônito, curioso e incomodo. É o caso por exemplo da menina de maiô na foto #22, cujos olhos caídos sugerem um passado sofrido; ou o da senhora segurando uma criança na foto #3, na qual o abraço tão afável parece denunciar um gigantesco amor da avó pela neta.

3.3. Repetição do Fundo

Em todos os casos, fiz questão de ter o mar como fundo. Acredito que a praia seja o fator que amarra todas as imagens e narrativas, e ter a água presente materialmente nas fotografias, além de trazer homogeneidade estética, situa o espectador onde aquelas imagens estão sendo produzidas. O mar é um indicador de como as fotos devem ser lidas.

Tecnicamente, optei por utilizar uma abertura do diafragma de f1.8 pois entendi que com ela conseguiria simultaneamente separar o objeto do fundo e produzir um bokeh visualmente interessante, sem que isso ameaçasse a definição do sujeito fotografado.

3.4. Preto e Branco

Mais uma escolha de pós-tratamento que uma opção estética feita no momento da captação da foto – uma vez que estamos falando de imagens digitais –, o P&B foi, provavelmente, a última opção a ser tomada. Durante muito tempo me questionei acerca das cores pois acredito que elas poderiam dar mais expressividade subjetiva aos personagens fotografados. Por fim, porém, acabei tendendo ao preto e branco pois, com ele, além de ter mais homogeneidade nas imagens, poderia provocar maior distanciamento do espectador com relação à foto, já que, por não fazer parte do universo simbólico tradicional – estamos muito mais acostumados com imagens coloridas –, exige um deslocamento da observação. O preto e branco demanda que o espectador experimente a obra com um outro olhar.

3.4. Contraste

O contraste foi bastante utilizado com o intuito de trazer maior dramaticidade às imagens, para que estas suscitarem maior reverência no momento de sua observação. A oposição dentre os cinzas escuros e os cinzas claros vem como mais um meio de provocar deslocamento do observador, fazendo com que olhe as imagens com mais distanciamento.

É interessante notar aqui também que, embora as imagens sejam bastante contrastas, há pouca presença de pretos e brancos absolutos. O intuito disso é não permitir que houvesse perda de dados nelas.

4. Seleção das Imagens e Tratamento

Foi durante o processo de seleção das imagens que optei definitivamente pelo enfoque não só na construção de um inventário, mas também na criação de sugestões de narrativas por meio de gestos não conformados dos personagens. No lugar de optar pelas primeiras imagens, onde os sujeitos ainda se portam um pouco conforme as instruções dadas, conscientemente escolhi seguir com as fotos onde eles aparecem mais confortáveis, nas quais é possível notar maior singularidade.

É relevante notar que todos os abordados estão expostos. Somente foram deixados de fora aqueles cujas fotos apresentaram algum problema técnico, como, por exemplo, falta de precisão no foco ou sujeira na lente.

Durante o tratamento, optei por não alterar demasiadamente as imagens, tentando preservar as condições de luz na qual foram feitas. As fotos mais tratadas foram aquelas tiradas com sol a pino, onde a sombra muito forte dificultava a visão do rosto.

5. Apêndice





















































































